

## **METODOLOGIAS DIFERENCIADAS PARA CRIANÇAS QUE NÃO FORAM ALFABETIZADAS**

**MORAES**, Leila Cristina - PIBID/UFV – [leilamoraes86@gmail.com](mailto:leilamoraes86@gmail.com)

**OLIVEIRA**, Maria Francisca de - PIBID/UFV -

**MOTA**, Maria Veranilda Soares (orientadora) - PIBID/UFV

**ET:** Desenvolvimento profissional e trabalho docente / nº 02

Este trabalho busca abordar uma pesquisa-ação que vem sendo desenvolvida através do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, desenvolvida por graduandas do Curso de Pedagogia. Este Programa tem por finalidade incentivar os licenciandos do referido curso para a prática docente no ensino básico, almejando garantir aos estudantes o conhecimento acerca do cotidiano da escola pública. O público alvo são crianças que não foram alfabetizadas, que ultrapassaram a idade sugerida para alfabetização. Nossa experiência está situada numa escola municipal da cidade Viçosa/MG.

Um dos eixos do PIBID/Pedagogia é pesquisar e intervir no processo de aprendizagem nos casos de crianças que apresentam alguma dificuldade, a partir de metodologias diferenciadas.

Com base no contexto e observação da realidade de cada criança, nos perguntamos: existiria uma idade certa para se alfabetizar já que cada indivíduo é um ser único e plural? O que significa o termo dificuldades de aprendizagem? Por que estas crianças não foram alfabetizadas? E quais metodologias o professor pode se ater para enriquecer este processo?

Neste sentido, organizamos Oficinas de Atividades do PIBID, e a partir de pesquisas, procuramos compreender e atender as crianças. Partimos do pressuposto de que as crianças são capazes de superar as dificuldades, por isso buscamos proporcionar modos de ensinar e aprender alternativos ao vivido cotidianamente na sala de aula. Acreditamos que elas não precisam de “reforços” e sim de um novo olhar que evidencie suas potencialidades.

Em relação às dificuldades apresentadas, como impasse no sucesso escolar, percebemos que é discutível quando se fala em dificuldade de aprendizagem, principalmente por ter-se atribuído às crianças a responsabilidade do seu não

aprendizado. É comum definirmos estas crianças que não acompanham a turma no mesmo ritmo, como crianças que tem dificuldade de aprendizagem (DA).

Segundo Pacheco (2005) o próprio conceito de DA envolve grupos heterogêneos de sintomas e ao mesmo tempo, uma diversidade de aspectos que variam nos diversos estudos realizados sobre DA. O único consenso entre os autores, se refere à característica de que há uma dicotomia entre o que é esperado academicamente e o nível de desempenho apresentado pelo alunos. O que às vezes é definido como DA, algo intrínseco aos alunos, pode ser na verdade fatores também externos, como efeitos de uma adaptação às condições de desigualdades econômicas e sociais. Tal fato nos alerta para o cuidado necessário que devemos ter antes de inferir ao termo DA, analisando a criança integralmente, com auxílio da família, professor, psicólogo e outros.

Diante dessas considerações foram desenvolvidas Oficinas de Atividades, com 3 crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental. Elas estão na faixa etária de 9 à 10 anos e ainda não foram alfabetizadas, isto é, não apreenderam o sistema de leitura de escrita, mesmo tendo passado pelo processo de escolarização. Partindo do pressuposto de que a escolarização não é um local separado das vivências sociais e para entender essa situação, procuramos conhecer melhor estas crianças.

Desde modo, Mikael está no 3º ano pela segunda vez, interage muito bem com os colegas e com a professora. Copia todo conteúdo do quadro negro, mas não consegue concluir sozinho as atividades. A partir de dicas da professora responde corretamente as questões da prova. No lógico matemático observa o contrário no que se refere às operações básicas, ele conclui as atividades quando não exige leitura dos enunciados. Devido a ludicidade das oficinas percebe-se o interesse do aluno pelas leituras, nas atividades como: dominós, bingos e músicas. O desafio com esta criança é também trabalhar a autoestima para poder transpor esta aprendizagem em atividades de sala de aula. Esta criança mora com a avó, e quem o acompanha nas reuniões da escola, é uma tia que apresenta ter problemas de alcoolismo.

Luiz é ma criança quieta na sala, quase não conversa, copia todas as atividades do quadro mais não faz as atividades, pois não sabe ler, assim não consegue entender o que os enunciados pedem. Nas oficinas de atividades se percebe que ele está no nível silábico, compreende somente a primeira letra das

palavras. No lógico matemático ele consegue fazer o cálculo, excluindo as atividades que precisam de leitura.

Théo demonstra não receber respaldo nas atividades de casa. Na sala de aula, ele faz cópias do quadro negro, mas também não consegue realizar as atividades por não ler. E nas oficinas tem interesse somente nos jogos e desenhos, tendo que ser motivado para as leituras.

Em comum, as três crianças não estão alfabetizadas, não tem problemas de indisciplina são às vezes até passivas. E o que difere é que a família de duas das crianças se interessam mais pelo acompanhamento em atividades extra-classe.

Segundo o Decreto Nº 6.094, 2007, que dispõe “o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação”, a União, Estados, e Municípios deverão atuar em regime de colaboração em proveito da melhoria da qualidade da educação básica. O Ciclo de Alfabetização é uma das metas que se propõe alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico. Assim a alfabetização fica a cargo dos três primeiros anos escolares.

Existiria uma idade certa para se alfabetizar já que cada individuo é um ser único e plural?

Segundo Magda Soares (2001) numa análise das metas do “Todos pela Educação” citado acima, é possível uma criança estar alfabetizada até oito anos, inclusive por estar inserida numa sociedade grafocêntrica, assim ela já inicia seu processo de alfabetização muito antes de chegar a escola, tendo inicio assim que ela interage com o mundo rodeada de pessoas que escreve e leem.

Observamos que Soares acredita ser possível, alfabetizar até oito anos, mas ela deixa claro todo o contexto necessário, isto é, um ambiente que proporciona pilares para a criança o contato com pessoas que lêem e escrevem. Outros fatores podem influenciar no sucesso escolar da criança: psicológicos, emocionais, familiares, pessoais, de formação e trabalho docente que culminam no fracasso escolar. São uma série de fatores que precisam ser avaliados, e mais do que a busca do culpado o importante é buscar metodologias que possam atender estes alunos.

Entendemos a importância de atividades lúdicas, como possibilidades para os alunos com dificuldades de aprendizagem, não só para trabalhar o conteúdo

necessário, mas também como diz Kahl, Lima e Gomes (sd:3 ), em recurso pedagógico rico com brincadeiras que:

a professora pode explorar a criatividade, a valorização do movimento, a solidariedade, o desenvolvimento cultural, a assimilação de novos conhecimentos e as relações da sociedade, incorporando novos valores etc. O lúdico na vida escolar deve ser preservado. A realização da brincadeira na escola é uma garantia desse “momento mágico” acontecer.

Neste sentido, desenvolvemos nas Oficinas de Atividades, formas alternativas para trabalhar com as crianças, usando a ludicidade. O bingo de palavras, é uma forma diferente do bingo com números já que ao invés de números temos palavras, trabalhamos a leitura de palavras de forma cantada como num bingo normal e depois feita a marcação das palavras com pedras; O dominó é utilizado em formato de palavras e figuras, assim a crianças tem que associar a figura à palavra para dar continuidade a sequência do dominó; Outro exemplo de jogo é o Lince, jogo feito num tabuleiro com diversas figuras e palavras. Trabalhamos com músicas, como parlendas e cantigas de roda. Os textos são trabalhados através do método global que parte do todo para depois a análise das partes, isto é, pegamos uma música, por exemplo, exploramos o texto, para depois focarmos nas palavras, sílabas, vogais e consoantes. Trabalhamos sempre o conteúdo dos textos e atividades sempre com o auxílio do alfabeto móvel, importante ferramenta concreta para as crianças. Com os textos produzidos confeccionamos um jornal mural e posteriormente o jornal impresso, focando algumas das atividades. Neste jornal está presente a ludicidade como: piadas, cruzadinhas, desafios desenhos e músicas.

A experiência no PIBID revela a importância do atendimento diferenciado para os alunos que não acompanham a turma. Criticamos as recuperações finais, formas apressadas de recuperação, já que é muito complicado em termos didáticos metodológicos recuperar em dias o que foi visto em meses.

Este trabalho está em desenvolvimento, mas já se observa que as crianças evoluíram na escrita e na leitura, com leituras em voz alta. As piadinhas de colegas chamando-as de “burros” deixaram de acontecer. A auto estima melhorou, já que elas fazem as atividades mesmo sem saber se vai acertar ou errar, pois antes deixavam em branco alegando não saber ler. Eles se mostram mais motivados a participar das aulas em geral e principalmente das leituras.

O PIBID Pedagogia é um grande interlocutor de apoio ao licenciando, pois nos proporciona o diálogo entre a prática e a teoria, no exercício de ação-reflexão-ação.

Neste programa, as bolsistas desenvolveram a autonomia em sala de aula, planejamento e pesquisa atuante. Ampliamos nosso olhar para os alunos que não apreenderam os conteúdos mínimos por diversos fatores, procurando articular formas de intervir no processo ensino – aprendizagem. Esta experiência vem para nos mostrar a importância do atendimento diferenciado e individual quando o aluno não acompanha os conteúdos em sala. Esta intervenção tem que ser paralela ao ensino, evitando ser somente nos períodos de recuperação final, somente assim poderemos aumentar as chances de ajudar os alunos nas diferentes dificuldades.

Nossa pesquisa em metodologias nos mostrou que devemos enriquecer estas de forma a introduzir várias metodologias, mas em relação ao aprendizado da leitura e escrita percebemos a importância do método global para evitar um ensino fragmentado.

Percebemos a importância de atividades lúdicas, pois esta desempenha contribuições importantes na área do conhecimento, auxilia no processo de aprendizagem e deixa de ser uma prática somente da realidade da educação infantil, podendo ser utilizada durante todos os níveis de ensino.

## **Referências**

ARAÚJO, Maria Carmem de C. Silva. **Perspectiva histórica da Alfabetização**. UFV – Imprensa universitária, Viçosa/MG, 1995.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

KAHL, Karoline. Alfabetização: construindo alternativas com Jogos pedagógicos. **Revista eletrônica de Extensão**: UFSC, *sd*.

PACHECO, Lílian Miranda Bastos. **Diagnóstico de dificuldade de aprendizagem** Temas em Psicologia da SBP. Vol. 13, no 1, 45,2005.

Acesso em: 18/08/2011 <http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1387/por-uma-alfabetizacao-ate-os-oito-anos-de-idade>.